

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós Graduação História da África

Walmor Gomes Calado

Manual de Atividades: Reconstrução da Própria Imagem

Juiz de Fora – MG

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Walmor Gomes, CALADO.

Manual de Atividades : Reconstrução da Própria Imagem / CALADO Walmor Gomes. — .

68 f.

Orientador: Victor Martins de SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, .

1. Cultura Hip Hop. 2. Lei 10639/03. 3. Reconstrução da autoestima. I. SOUZA, Victor Martins de, orient. II. Título.

Walmor Gomes Calado

Manual de Atividades: Reconstrução da Própria Imagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, como requisito parcial para obtenção do título de Pós Graduação em História da África, sob orientação do Professor Victor Martins de Souza .

Juiz de Fora – MG

2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito necessário para obtenção título de Pós Graduação em História da África . Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

Walmor Gomes Calado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em ____ \ ____ \ ____

Orientador Prof. Mestre Victor Martins de Souza.

1º Examinador (a) Prof.(a)

2º Examinador (a) prof. (a)

Coordenador (a) Prof. (a)

Resumo

Manual de atividades é um recurso didático que visa colaborar para as aulas de Dança, com foco nas oficinas de Hip Hop e aulas de Educação Física. O trabalho é uma reunião de atividades práticas e teóricas que usa recursos didáticos como vídeos, músicas, imagens, textos, reuniões e danças para implementação de Africanidades dentro do ambiente escolar e no cotidiano dos alunos, colocando em prática a Lei 10.639\03. Usando como ferramenta de aproximação a Cultura Hip Hop e suas subculturas visando também essas atividades como a introdução de diversos temas como racismo, preconceitos, gírias, gênero, cabelo, cor e outros. Com objetivo principal trabalhar a reconstrução da autoestima dos alunos.

Palavras-chave: Cultura Hip Hop. Lei 10.639\03. Reconstrução da Autoestima.

Abstract

Manual of activities is a didactic resource that aims to collaborate for Dance classes, focusing on Hip Hop workshops and Physical Education classes. The work is a meeting of practical and theoretical activities that uses didactic resources such as videos, music, images, texts, meetings and dances to implement Africanities within the school environment and in the daily life of students, putting into practice Law 10.639 \ 03. Using as a tool to approach Hip Hop Culture and its subcultures aiming also these activities as the introduction of diverse subjects like racism, preconceptions, slang, genre, hair, color and others. With main objective to work the reconstruction of the students' self-esteem.

Keywords: Hip Hop Culture. Law 10,639 \ 03. Reconstruction of Self-Estee.

SUMARIO:

Apresentação do Recurso Didático	6
Aplicação	8
Utilidade	11
Fonte de Pesquisa	12
Referencias Bibliográficas	14
Manual de Atividades : Reconstrução da Própria Imagem	16
Portfolio Pós Graduação História da África	25
Repensando a Aprendizagem leituras críticas a partir da práxis	27
Atividades Realizadas durante o Curso	29
Praticas Pedagógicas: Intervenções e Ações Sócio Educativas.....	41
Referencias Bibliográficas.....	48
Considerações Finais	50
Anexos 1	51
Sinopse das series citadas na atividade 1	51
Anexo 2	58
Exemplos de musicas para atividade 7	58

Manual de Atividades: Reconstrução da própria imagem.

Apresentação do Recurso Didático:

O manual de atividades vem como um recurso didático que visa colaborar para as aulas dos professores de Dança e Educação Física que trabalham com as turmas do ensino médio.

Tem objetivo de usar a dança como ferramenta de inclusão de Africanidades nas aulas e escolas, colocando em prática a Lei 10.639\03 que versa sobre o ensino da história e cultura Afro-Brasileiras e Africanas.

Segundo Brasileiro (2003), a dança é minimamente tratada como componente folclórico no interior das escolas, seja pela Educação Física ou pela Educação Artística/Arte Educação; raramente é valorizada.

As oficinas e aulas de dança, em especial Hip Hop são muito aceitas pelos alunos nas escolas, e pensando nessa grande aceitação e procura dos alunos o material vai usar as atividades e as subculturas que contêm dentro da cultura hip hop para falar de determinados assuntos que normalmente não são falados ou são vistos de forma muito negativa, temas como racismo, preconceitos, cabelo, cor, bonito e feio, gênero, gírias, local onde mora e outros.

Segundo Chiarani (2008, p.3) explorar a dança no contexto do escolar contribuirá para que os alunos identifiquem e vivenciem aspectos da cultura populares que são parte da sua história e do lugar onde vivem.

O manual está dividido em 9 etapas com atividades práticas e teóricas essas atividades vão ser aplicadas no período de 4 meses sendo duas aulas semanais com duração de 1h cada, vou usar como exemplo no material as aulas das oficinas de Hip Hop que ministro na Escola Municipal CAIC Rocha Pombo em Juiz de Fora – MG.

Para a elaboração dessas atividades é necessário uma preparação do material a ser usado em cada etapa, cada uma delas funcionará em um determinado local e para isso é necessário que o professor prepare cada local como salas de dança, informática, vídeo, biblioteca, espaço de convivência, e também a preparação do material que já tem nesses locais e outros como cola, tesouras, caixa, espelho e brinquedos. Todo material deve ser pensado para cada atividade pelo professor pensando também na adaptação para cada turma, cada turma tem sua particularidade então em algumas atividades fica em aberto qual material e de que forma deve ser introduzido pelo professor. Cada atividade deverá atingir um resultado diferente que vai colaborar para o resultado final do trabalho.

O manual tem como um dos objetivos para o final desse 4 meses a elaboração de um trabalho coreográfico, documentário e bate papo com os alunos, mas como objetivo maior desse trabalho e resgatar nesse alunos sua autoestima valorização de sua beleza, criar neles o habito de falar sobre diferentes temas como racismo e despertar o senso crítico sobre as informações e os padrões de beleza imposto pela mídia sobre nós.

Segundo GOMES (2002, p.3)

A idéia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas com os outros.

As atividades serão conduzidas pelo professor(a) para um melhor entendimento dos alunos e também para evitar algumas discussões entre eles, mas a criação desse trabalhos em grupo dever ser feita de forma colaborativa onde cada aluno colabora da sua forma e com suas vivencias a partir dos estímulos que vieram de cada etapa das atividades, sempre sendo filtradas pelo professor(a) reparando se os resultados continua reforçando a negatividade sobre os temas.

O material pode ser usado dentro das aulas regulares de Educação Física e oficinas de Dança.

As atividades devem ser conduzida pelo professor(a) dessas atividades. E muito importante que docente tenha um conhecimento mínimo sobre as atividades que vão ser desenvolvida nas aulas, para a colaboração desse conhecimento prévio junto ao material será anexado exemplos de musicas que retratam esses temas nas letras e também e anexo o release sobre as series e vídeos usado dentro das atividades.

Necessário também um pesquisa sobre temas como racismo, preconceitos, gênero para saber como conduzir essas conversas e estar sempre atento a sua fala e aos argumentos dos alunos que não reforcem falas negativas.

Aplicação:

Na aplicação das atividades esta sempre atentos ao tempo de cada exercício, na maioria das vezes as aulas e oficinas tem um tempo de 1h, esse tempo poder ser curto dependendo da atividade, por esse motivo e importante a preparação do locais e dos matérias que vão ser usado e ficar atento para que as conversas não se proloquem.

Caso a escola não disponhas de salas adequadas e materiais e indicado que professor faça adaptação para um bom desenvolvimento das atividades.

Para o melhor desenvolvimento das aulas e importante ficara atento em algumas questões que estão dentro do manual de atividades.

Para contribuir segue algumas dicas e observações a ser pensadas antes de aplicar, consta aqui de forma desciminada por cada atividade:

Atividade 1: Para colher o material necessário para desenvolvimento importante pensar em algumas perguntas para iniciar o bate papo introduzir o tema na turma, perguntas como:

- Vocês conseguem identificar qual a cor da maioria da população brasileira e da região onde você mora?
- Alguém sabe dizer nome de alguma religião de matriz africana? E se conhece alguém que frequenta essa religião?
- Qual e a sua cor?
- Oque acha sobre seu cabelo?
- Vocês conhecem algum artista, escritor, personalidade que seja afrodescendente?
- Quantos professores negros vocês tem?

Essas perguntas vão trazer varias resposta que o professor(a) pode usar como base para iniciar os trabalho com esse temas e outros que vão surgi junto a conversa.

E importante ficar atento para que essa conversa seja harmoniosa para não criar constrangimentos entre os alunos.

Segundo GOMES (2002, p.2)

Ao falarmos sobre corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Essa identidade é vista, no contexto desta pesquisa, como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa, conflituosa e complexa, vendo-a a partir da mediação realizada pelo corpo e pela expressão da estética negra. Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo.

O tema cabelo crespo servira como espinha dorsal para o Manual de Atividades.

Atividade 2: Antes de iniciar atividade deve explicar para a turma que essa atividade depende muito da colaboração de todos, por esse motivo não pode contar o que viu dentro da caixa ate o termino do exercício.

Atividade 3 e 6: Nesse momento e importante que professor(a) veja o material que vai ser usados na aula antes de aplicar, para obter um conhecimento anterior a aula e poder suprir duvidas que venha surgi. Nas atividades fica em aberto a introdução de outras fontes.

Atividade 4: O professor(a) deve fazer um contextualização de quem são os personagens e artista que estão sendo usado como exemplos no manual e outros que pode ser usado. Essa contextualização vai facilitar no entendimento dos alunos e contribuirá também para próximas aulas.

Atividade 5: Contextualizar para os alunos que essa atividade tem uma extrema importância no processo de resgate da autoestima aceitação e valorização das diversidades. Nessa atividade as imagens que vão estar em destaque na sala de aula vão colaborar para uma rotina diária que os alunos afrodescendente vão se reconhecer nas imagens e alunos não negros criar um olhar diferente para as belezas e culturas negras como bonitas fugindo do estereotipo colocado pela mídia.

A relevância do estudo de temas decorrentes da historia e cultura afro- brasileira e africana não se restringe á população negra, ao contrario, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (DCN para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de Historia e cultura afro-brasileira e africana, 2005, p.8).

Atividade 7: a escolha das musicas que vão compor o trabalho final deve ser feita pelos alunos, mas e importante que professor traga para a aula alguns exemplos que a turma pode se identificar, por esse motivo e importante perceber o perfil da turma antes da aplicação das atividades. No momento da escolha todos devem ouvir as musicas com calma para poder entender e identificar os temas retratados nessas letras. Para contribuição e importante ter em mãos as letras e traduções das musicas, que vão contribuir também para as aulas de criação das coreografias.

Atividade 8: Fazer uma pesquisa junto dos alunos para identificar pessoas que possa ministra para turma uma oficina de turbante e maquiagem para pele negra.

E interessante que essa pesquisa seja feita na região da escola para descobrir se no bairro tenha alguma representação de culturas negras como Salão Afro, Trançadeiras, integrantes do Movimento Negro Unificado ou grupos que trabalha com alguma cultura negra, essa pessoa e importante como representatividade dentro do bairro e valorização do mesmo.

Atividade 9: Para realização dessa etapa é necessário que durante os 4 meses de aplicação das atividades o professor coloque dentro do planejamento aulas para criação das coreografias que vai ser um dos resultados a ser apresentado para a comunidade escolar. Esses trabalhos coreográficos devem ser feitos de forma colaborativa para que cada aluno traga um pouco de suas experiências pessoais atuando de forma ativa no trabalho final.

Segundo Souza (2012, p.3)

Devemos ter em mente que toda tradição de representação ritual e cerimonial africana, com toda sua música, dança, linguagem de percussão, arquitetura, canções, espetáculos, configurações espaciais, coreografias e máscaras, sempre foram fenomenologicamente transmitidas de geração a geração.

Pensando nessa afirmativa podemos nos basear na importância da contribuição de cada aluno que traz como ele muitas experiências culturais vividas fora da sala de aula no seu ambiente familiar e de sua comunidade.

Professor(a) deve estar atento também nessa criação para fazer intervenções, colaborar na criação e fazer a direção geral da coreografia.

O tempo de duração de coreografia deve ser pensado de forma que não fique muito curta e se prolongue, tempo médio para apresentação de espetáculos dentro de ambientes escolares e de 5 a 15 minutos.

Durante o processo devem ser realizados registros das aulas, através de depoimentos dos alunos falando da experiência que estão vivenciando, esses registros devem ser feitos através de fotos e vídeos durante todo o processo, que resultará em um minidocumentário. Esse documentário será exibido para o público antes da apresentação do trabalho coreográfico.

Ao final de cada etapa é importante que professor faça bate-papo que possa ser usado como forma de avaliação dos alunos, analisando de que forma eles estão recebendo e entendendo os temas vivenciados. É importante que dentro dessas conversas indiquem outras fontes de pesquisas como textos, livros, sites e vídeos para contribuir para melhor entendimento e incentivos para outras pesquisas pessoais.

As conversas em sala de aula vão servir também como base para o debate que vai ser conduzido pelos alunos para o público que vai estar presente no dia da culminância dos trabalhos.

Utilidade:

O ferramenta usa como base para o trabalho temas vividos diariamente pelos alunos de bairro e periferias e dentro desses temas usaremos um foco maior para o cabelo crespo e a cor, que vamos usar como porta de entrada para os vários assuntos como racismo, preconceitos, gênero, gírias, roupas, local onde mora e outros.

A utilidade desse material visa como resultado alguns pontos importantes que vão contribuir para uma melhor reconstrução do próprio "EU".

O trabalho visa atingir alguns objetivos como reconstrução da própria imagem. Muitos alunos se olham no espelho e não aceitam suas beleza como bonita e valorizada, maioria querem ver no espelho modelos que são divulgado pela mídia, que não mostra a beleza negra, segundo dados do IBGE os negros representam 53,6% da população brasileira e não são representados de forma positiva nas mídias populares.

Criar neles o habito de falar sobre diferentes temas como racismo e despertar o senso crítico sobre as informações e os padrões de beleza imposto pela mídia sobre nós.

Instigar a escola a falar sobre Africanidades dentro das outras matérias que podem usar diversas fermentas como na matemática usar aulas de Geometria falando das pirâmides do Egito, Geografia usar o continente africano, Português as contribuições das línguas de origem africana na língua portuguesa, Educação Artística\Arte usar artes africanas e etc.

Colocar em pratica a Lei. 10.639\03 que obriga todas as instituições de ensino a aplicar matérias sobre cultura Afro-Brasileira e Africana desde 2003.

Promover um olhar diferente da escola para os alunos, vendo os mesmo como indivíduos que são capazes de elaborar e criar trabalhos que vão contribuir para o ambiente escolar e de sua comunidade.

Fonte de pesquisa:

O Manual surgiu a principio como a atividade de Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas, essa é ultima etapa do portfólio que criamos durante o curso de Pós Graduação em Historia da África da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

E pensando na melhor forma de utilizar, estendi o plano pedagógico o transformando em Manual de Atividades.

Durante alguns anos de aulas e oficinas que venho realizando dentro das escolas e projetos sócias em Juiz de Fora venho analisando a carência e necessidades de informações e incentivos positivos para os alunos dessas comunidades que na maioria das vezes são vistos apenas como violentos e indisciplinados. E noto que esse excesso de energia e resultado da falta de atenção da família, comunidade escolar e instituições publicas, também a falta de representatividades e pessoas que de voz para esse jovens.

Outro ponto que motiva a criação dessa ferramenta e a reflexão sobre o comportamento dos professores de dança, com olhar mais detalhado sobre os educadores que usam o Hip Hop, noto que em sua grande maioria quando vão trabalhar com os elementos, contam pouco da historia, mas não menciona que o hip hop e uma cultura negra, que vem das periferias dos Estados Unidos da América do, Bronx distrito de Nova York, com sua maioria da população afrodescendente.

A cultural hip hop foi criada por jovens negros de famílias imigrantes de vários países como Jamaica, Haiti, Cuba, Porto Rico, Brasil e outros, junto a essas famílias vieram varias culturas diferentes que são de matriz africana, a união dessas varias culturas deu origem as festas de ruas e logo depois ao Hip Hop.

Cultura usa como filosofia organizacional ensinamentos de povos africanos, essa forma de se organizar e agir foi criada após uma conversa de um líder da cultura hip hop com líder da etnia Zulu, após essa conversa esse líder da cultura hip hop se intitula como “Afrika Bambaataa” e leva para a cultura Hip Hop esses ensinamentos.

Pensando nessas questões a o material vem como fermenta de inclusão de africanidades dentro da escola usando a dança\hip hop, que é uma atividade muito procurada e aceita pelos jovens nas escolas, e usando esse atrativo poderemos falar de varias questões como racismo, cotas, cabelo, cor, feminismo, machismo, forma de se falar, sobre local onde mora, roupas, gírias, origem das palavras,

religiões, gênero e outros, tocar em todos esses assuntos que estão presente na dança e em seu dia-a-dia.

E levando todas essas questões para todo ambiente escolar.

Referencias Bibliográficas:

AZEVEDO, Amailton Magno. **Qual África Ensinar no Brasil? Tendências e Perspectivas**. São Paulo, 2016.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de Matriz Africana: Antropologia do movimento**; Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BRASIL, **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília - DF, 2013.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **O Conteúdo “Dança” em Aulas de Educação Física: Temos o que para ensinar**. *Revista pensar a Prática* n. 6: 45-58, Jul./Jun. 2002-2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília DF, 2005.

CHIARANI, Drigenen Capelim Sabino; FASSHERBER, José Ronaldo Mendonça. **Dança afro-brasileira: uma possibilidade de trabalho nas aulas de Educação Física**, São Paulo, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime et al. **Livro 3 GINASTICA, DANÇA E ATIVIDADE CIRCENSES: Praticas corporais e a Organização do Conhecimento**. Brasília - DF, 2014.

GOMES, Nina Lino. **Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra**, Belo Horizonte-MG, 2002.

CHIARANI, Drigenen Capelim Sabino; FASSHERBER, José Ronaldo Mendonça. **Dança afro-brasileira: uma possibilidade de trabalho nas aulas de Educação Física**, São Paulo, 2008.

REIS, Adriano de Paiva, et al. **Pedagogia Histórico- Crítica e educação Física**. Juiz de Fora – MG, 2013.

SILVA, Célia Regia. **Beleza negra, Orgulho Crespo: No corpo (Des)Constrói-se a(in)diferença, o Estigma.** São Paulo, 2016.

SOUZA, Victor Martins. **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora.** São Paulo, 2012.

SILVA, José Carlos Gomes. **Juventude, Cultura e Política: Repensando os estudos Culturais, Revisitando o Hip-hop.** São Paulo, 2016.

SANTOS, Renata Ap. Felinto dos. **Arte Africana e Afro-Brasileira em sala de aula.** São Paulo, 2006.

SILMOR, Christine. **Corpo Mídia na Escola.** São Paulo, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra.** Belo Horizonte, 2004.

ZUBARAN, Maria Angélica et al. **Stuart hall E as Questões Étnico-Raciais no Brasil: Cultura, representações e identidades.** São Paulo, 2016.

O Lado de cima da cabeça. Disponível em: <http://cacheia.com/2014/08/documentarios-cabelo-cacheado/>>. Acesso em 05 de setembro 2016.

Raiz Forte. Disponível em:< <http://cacheia.com/2014/08/documentarios-cabelo-cacheado/>>. Acesso em 05 de setembro 2016.

Espelho, espelho meu! Ayódelê Oduduwa, Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ> >. Acesso em 05 de setembro 2016.

Manual de Atividades: Reconstrução da Própria Imagem

Este manual de atividades surge para colaborar para reconstrução da autoestima dos alunos das oficinas de Dança\Hip Hop. As oficinas ocorrem em dois encontros na semana na Escola Municipal CAIC Rocha Pombo com duração de 1h cada aula. As oficinas de hip hop entram como atividade extracurricular para os estudantes da escola e comunidade do bairro com objetivo de trazer para esses jovens arte, cultura, ocupação e lazer.

Grande parte dos alunos que frequenta as oficinas são adolescente, estão frequentando o ensino médio, em uma media das turmas 85% são do gênero feminino e 15% masculino, e no total das meninas a maioria são afrodescendentes, vindas das comunidades que rodeiam a escola, esses jovens trazem com eles um discurso que desvaloriza sua cor e seu cabelo, se colocando sempre no papel de inferior, valorizando modelos de beleza que veem nas mídias.

Na convivência diária com estes jovens noto que eles não aceitam seu cabelo crespo e buscam diferentes tratamentos químicos para “melhorar” o cabelo, como elas falam “para deixa-los mais comportados”. Vejo que o uso dessas químicas prejudica cada vez mais a saúde do cabelo deixando cada vez mais danificado, e junto ao assunto do cabelo reparo uma desvalorização também da sua cor, reparo que no geral quando acontece alguma briga ou discussão eles sempre usam palavras e nomes muito negativo para poder ferir uns aos outros, palavras essas sempre usadas de uma forma muito agressiva desvalorizando os afrodescendentes.

Como diz Gomes (2002, p.9)

O cabelo é um dos principais ícones indenitários para os negros. Porém, o cabelo sozinho não diz tudo. A sua representação se constrói no âmago das relações sociais e raciais. Pegar no cabelo é tocar no corpo. Cabelo crespo e corpo negro, colocados nessa ordem, são expressões de negritude. Por isso não podem ser pensados separadamente.

Com decorrer das aulas venho trazendo diferentes assuntos colocando em debate temas sobre racismo, cotas, preconceitos, feminismos, orientação sexual, formas de usar cabelo e outras, introduzindo conversas que contribua para melhorar a aceitação de suas particularidades. Mas sinto necessidade de intensificar ainda

mais a discussão. E por esse motivo trago essa proposta de intervenção para escola, que vem como um dos objetivos principais colocar em prática a Lei. 10.639\03 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas, usando a dança como ferramenta de introdução da lei, que esta em vigor desde 2003 e pós mais de 10 anos a grande maioria das escolas e instituições de ensino não colocou em pratica. Para essas escolas falar sobre as culturas negras esta ligada somente ao dia 20 de Novembro onde se comemora o dia da Consciência Negra, mudar esse pensamento da escola e um dos objetivos desse trabalho.

Na discussão em sala de aula vamos trabalhar junto do aluno sua autoestima, contribuindo para reconstrução indenitária, cultural e social. Mostrando para esse aluno como sua relação com as outras pessoas pode mudar com a sua mudança pessoal, valorizar as culturas de origens quebrando o estigma criado sobre elas.

A intervenção está dividida em várias etapas que terão duração total de quatro meses, será elaborada com os alunos da Oficina de Hip Hop que tem idade de 12 a 16 anos. Que estão terminando o ensino fundamental e iniciando ensino médio e na sua maioria passam pela adolescência e estão se descobrindo biologicamente e escolhendo suas profissões. Essa momento que eles estão passando e muito importante que eles sejam orientados para fazer as melhores escolhas nos âmbito pessoal e profissional e incentivar continue na escola para o termino do ensino médio que é a etapa final da educação básica. É nesta fase que o individuo consolida as informações e conhecimento necessários para o exercício da cidadania. É também a fase que antecede, para poucos jovens, o ingresso na educação superior e em muitos deles se preparam para o mercado de trabalho.

Segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de Historias e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2013, p.51)

Essa é uma das etapas de ensino da Educação Básica com menor cobertura e maior desigualdade entre negros e brancos. Segundo dados do Censo do IBGE/2010, 54,6% da população negra não havia completado o ensino médio. No ensino médio, a taxa de estudantes é de 52,4% brancos e a de negros, 28,2%. Acreditando que a Educação das Relações Étnico-Raciais pode contribuir para ampliação do acesso e permanência de jovens negros e negros no

ensino médio e possibilitar diálogo com os saberes e valores da diversidade.

Atividades: serão divididas em aulas de 1h, duas aulas semanais.

- **Atividade 1)** Iniciar as atividades com perguntas e implicações que façam os alunos refletirem sobre seu cabelo, religião, sua cor, a região onde mora, para captar material e ver quais desse temas deve ter mais atenção.

Uso como ponto de partida para iniciar esses diálogos conversos sobre séries que passam na TV aberta onde se encontra vestimentas, gestos, falas, danças, cabelos, músicas e personagens negros.

Usando como exemplo series como:

“Eu a Patroa e as Crianças”, “Um Maluco no Pedaço”, “Kena & Kel”, “ As Visões da Raven”, “Todo mundo odeia Chris” e outras.

Series que apresentam em seu conteúdo temas que retratam a Cultura Hip Hop e Africanidades, mostrando personagens e artistas negros no meio de comunicação.

Buscando junto mostra como e feita essa representação nas mídias, identificando a frequência e de que forma os negros estão representado nas mídias populares.

Observação: Release das series citadas em anexo.

- **Atividade 2)** Dentro de uma caixa de sapato vou colocar um espelho e vários objetos (os objetos são ilustrativos). Após uma conversa sobre o tema “como você vê a sua cor” vou pedir para eles irem, um de cada vez, até a caixa e ver qual objeto eles se identificam, em seguida perguntarei a eles o que eles acham sobre o que viu na caixa?

Ao final da atividade vamos fazer uma roda para conversar sobre a imagem e trabalhar questões que vão ser levantadas por eles.

Material: Para essa atividade e necessário ter uma caixa de sapato com tampa, um espelho, e objetos que possa ser usado como ilustração, exemplo: Chave, bonecas, boné, cordão, terço e outros.

Atividade 3) Levar os alunos a sala de vídeo onde veremos alguns documentários que abordam temas sobre cabelos crespos. Esses

documentários vão ser temas de diferentes aulas, e vamos sempre discutir sobre eles ao final.

Documentários:

O lado de Cima da Cabeça

<https://www.youtube.com/watch?v=1RFvuA0cu60>

Raíz Forte

Episodio 1: A Infância

https://www.youtube.com/watch?v=xckeeqhL9_I

Episodio 2: Adolescência e juventude

<https://www.youtube.com/watch?v=Syq2V-uOE74>

Episodio 3: Vida adulta

https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=JTsYOyZPRew

Espelho, espelho meu!

<https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ>

- **Atividade 4)** levar para sala de aula imagens e fotos de diversas personalidade e artistas negros que eles possivelmente vão se identificar, pessoas que são militantes nesse processo de mudança contra o racismo como Martin Luther King , Nina Simone, Malcom X, Nelson Mandela , Beyonce, Emicida, Racionais Mc's, Zeze Motta, Milton Gonsalves e outros. Objetivo desse trabalho mostra a eles como grandes nomes do cenário mundial que são negro vem fazendo mudanças importantíssimas e mostra a eles artistas negros para que eles possam se identificar de alguma forma como essas pessoas.

Durante a atividade o professor deve contextualizar para os alunos em formal essas personalidades e artistas mostrando a importância do trabalho de cada um.

Ao final da atividade pedir que, em casa procure em jornais e revistas pessoas negras nesse material e trazer para próxima aula esses recortes.

- **Atividade 5)** Junto com os alunos conversar sobre as fotos que eles conseguiram identificar nas revistas em casa.

Pegar todas essas fotos colar ou pendura por toda a sala onde vão se reunir durante as aulas.

Objetivo dessa atividade torna uma rotina diária onde eles vão ver pessoas negras em destaque todos os dias, e se relacionar com essas imagens se auto identificar.

- **Atividade 6)** Levar os alunos para fazer pesquisas na sala de informática para pesquisar sites, Blogues e vídeos.

Usaremos como base:

Site:

A cor e cultura

<http://www.acordacultura.org.br/>

Cacheia

<http://cacheia.com>

Blogue:

Blogueiras Negras

<http://blogueirasnegras.org/>

Canal:

Projeto Abridor de cabeças

<https://www.youtube.com/user/projetoabridor/videos>

O Projeto Abridor de cabeças e o canal onde está hospedado os vídeos “Heróis de Todo o Mundo” que mostra pessoas e personalidades brasileiras que são negras, que possivelmente os alunos não conhecem.

Em cada uma dessas pesquisas os alunos vão buscar algum conteúdo que eles se identificam fazendo leituras de imagens, textos e vídeos.

Ao final da aula vamos conversar sobre o que eles pesquisaram e falar de que forma eles se familiarizam com que viram.

- **Atividade 7)** levar para os alunos diferentes músicas de artistas negros que falam sobre diferentes temas em suas músicas, e escolher 3 delas para construirmos um trabalho para ser apresentada ao final do semestre. As canções que vamos escolher deverão ter temas que falam sobre temáticas

como luta contra racismo, gênero, preconceitos e outros, essas músicas vão ser trabalhadas com olhar crítico sobre essas letras analisando o conteúdo de cada uma e procurar entender qual objetivo e quais as mensagens que dentro dessas músicas, que serão usadas na construção do trabalho e temas para conversas.

OBS: Alguns exemplos de músicas em anexo do material.

- **Atividade 8)** Levar até a escola uma oficina de turbante e penteados para cabelos crespos e oficina de maquiagem, onde os alunos vão aprender como usar diferentes penteados e acessórios para as diferentes formas de cabelos e tom de pele.

Com base nessa oficina vamos criar os figurinos para apresentação final.

- **Atividade final 9:** Vamos realizar uma apresentação de dança na escola mostrando para outros alunos e professores o resultado da pesquisa e desta atividade que foi desenvolvida durante quatro meses.

A apresentação final vai mostrar alguns dos pontos trabalhados nesse mês de atividades levando para o público uma reflexão sobre como nos brasileiros temos preconceitos sobre as várias culturas vindas do continente africano como as religiões, danças, roupas, línguas, formas de usar cabelo, músicas e outros. Vamos levar para o público uma visão diferente dessas culturas mostrando como são positivas e como fazem parte da nossa cultura, esta a muito tempo no nosso dia a dia, não valorizamos e muitas vezes não vemos como nossa cultura. E mostra como não podemos falar de culturas negras sem falar da África que é matriz de diversas culturas como Samba, Maracatu, Jongo, Funk, Dancehall, Reggae e Hip Hop.

Pretende-se apresentar aos convidados um minidocumentário que vai mostrar parte do processo vivido pelos alunos no dia da culminância do projeto.

Realizar debates que serão conduzidos pelos próprios alunos relatando as vivências que tiveram durante o semestre.

O objetivo principal do trabalho é colaborar para reconstrução da autoestima dos alunos mostrando suas diferenças e valorizando sua beleza.

Outros objetivos secundários também serão trabalhados no projeto, tais como:

- Criar neles o hábito de falar sobre diferentes temas como racismo e despertar o senso crítico sobre as informações e os padrões de beleza imposta pela mídia sobre nós.
- Resgatar a autoestima do aluno e mostrar que ele é capaz.
- Instigar a escola a falar sobre Africanidades dentro das outras matérias.
- Colocar em prática a Lei. 10.639\03.
- Promover um olhar diferente da escola para os alunos.

Referencias Bibliográficas:

AZEVEDO, Amailton Magno. **Qual África Ensinar no Brasil? Tendências e Perspectivas**. São Paulo, 2016.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de Matriz Africana: Antropologia do movimento**; Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BRASIL, **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília - DF, 2013.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **O Conteúdo “Dança” em Aulas de Educação Física: Temos o que para ensinar**. *Revista pensar a Prática* n. 6: 45-58, Jul./Jun. 2002-2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília DF, 2005.

CHIARANI, Drigenen Capelim Sabino; FASSHERBER, José Ronaldo Mendonça. **Dança afro-brasileira: uma possibilidade de trabalho nas aulas de Educação Física**, São Paulo, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime et al. **Livro 3 GINASTICA, DANÇA E ATIVIDADE CIRCENSES: Praticas corporais e a Organização do Conhecimento**. Brasília - DF, 2014.

GOMES, Nina Lino. **Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra**, Belo Horizonte-MG, 2002.

CHIARANI, Drigenen Capelim Sabino; FASSHERBER, José Ronaldo Mendonça. **Dança afro-brasileira: uma possibilidade de trabalho nas aulas de Educação Física**, São Paulo, 2008.

REIS, Adriano de Paiva, et al. **Pedagogia Histórico- Crítica e educação Física**. Juiz de Fora – MG, 2013.

SILVA, Célia Regia. **Beleza negra, Orgulho Crespo: No corpo (Des)Constrói-se a(in)diferença, o Estigma**. São Paulo, 2016.

SOUZA, Victor Martins. **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora**. São Paulo, 2012.

SILVA, José Carlos Gomes. **Juventude, Cultura e Política: Repensando os estudos Culturais, Revisitando o Hip-hop**. São Paulo, 2016.

SANTOS, Renata Ap. Felinto dos. **Arte Africana e Afro-Brasileira em sala de aula**. São Paulo, 2006.

SILMOR, Christine. **Corpo Mídia na Escola**. São Paulo, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Belo Horizonte, 2004.

ZUBARAN, Maria Angélica et al. **Stuart hall E as Questões Étnico-Raciais no Brasil: Cultura, representações e identidades**. São Paulo, 2016.

O Lado de cima da cabeça. Disponível em: <http://cacheia.com/2014/08/documentarios-cabelo-cacheado/>>. Acesso em 05 de setembro 2016.

Raiz Forte. Disponível em:< <http://cacheia.com/2014/08/documentarios-cabelo-cacheado/>>. Acesso em 05 de setembro 2016.

Espelho, espelho meu! Ayódelê Oduduwa, Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ> >. Acesso em 05 de setembro 2016.

Portfólio Pós Graduação Historia da África

Histórias de vida e memórias

Chamo-me Walmor Calado, sou negro, tenho 27 anos, sou bacharel e licenciado em Educação Física, militante da cultura Hip Hop e morador do Bairro Santa Cruz que fica na Zona norte de Juiz de Fora- MG.

Durante todo o meu processo de aprendizagem e de vivencia em poucos momentos chegou-me informações sobre a África e sobre meus antepassados. Tudo que chegava até nos alunos eram os relatos que contavam nos livros de historia sobre a escravidão, não me lembro de nenhuma passagem nessas aulas onde o negro era valorizado e era mostrado de forma positiva.

Com o passar dos anos notei que esses temas continuavam não sendo falado pelas pessoas em torno de mim. Fato que não muda muito nos dias de hoje.

Durante bom tempo da minha vida, eu já me entendia e aceitava como negro, eu era o único negro entre os meus amigos mais próximos. Mas apesar de me ver enquanto negro até aquele momento não existia em mim afinidade por culturas de matriz africana e uma aceitação verdadeira da minha imagem. Tudo isso ocorria porque não via em torno de mim nada que eu me identificava e me trazia referencias sobre culturas negras.

Lembro que uma única coisa que eu mi identificava ate esse momento era a Capoeira porque tinha um tipo de musica que me agradava, adorava ouvir nas musicas e som dos instrumentos, mas ao mesmo tempo novata que os professores que tinha no meu bairro não eram negros fato que não me deixa me identificar muito com eles, oque me levava ate lá era mais a musica. Pratiquei a Capoeira durante 2 anos tempo que durou as aulas no bairro.

Na escola eu continuava o fato de não tocar nos assuntos sobre culturas Africanas, racismo e etc. Lembro que muitas vezes surgia brigas dentro da escola

sempre dentro das brigas surgia a palavra “Macaco” que era a forma com que os alunos tinha para ofender uns aos outros, e notava que isso era comum dentro da escola e nunca vi nenhuma orientação para nos alunos mudar esse comportamento. Muitos de nos negros tínhamos o apelido de “Negão” fato que nunca me incomodou, mas além desse existia vários outros apelido, e hoje entendo que muitos de nos aceitava esse apelido para ser aceito no meio dos colegas, uma aceitação inconsciente. E sempre notei a escola longe de todas essas questões, era como se tudo isso não existisse no ambiente escolar. Assunto que esta oculto ate hoje dentro das escolas.

Em 2002 tive meu primeiro contato com uma cultura de matriz africana “ Hip Hop”, dentro dessa cultura com o passar do tempo comecei a ter um contato mais próximo com arte, músicas, moda, penteados, danças, conversas e outros pontos que tem proximidade com a identidade negra, comecei a usar Black Power e ouvir músicas negras (Rap, Funk, Jazz, House e outras) e isso gerou em mim uma grande curiosidade em conhecer mais sobre essas culturas que eu me identificava. E foi a partir desses pontos que iniciei minhas pesquisas sobre as danças que compunha as Danças Urbanas e suas origens. Dentro dessa pesquisa conheci o estilo de música Afro House que é uma vertente da música House americana como inserção de instrumentos africanos, e logo me encontrei nas diferentes formas de se movimentar nesses ritmos, principalmente as movimentações vindas de países africanos. Nas pesquisas sobre danças norte-americanas, brasileiras e latinas observei alguns pontos em comum, entre estes o mais relevante e que na grande maioria seu início se deu na África ou foi iniciada por pessoas vindas de países africanos. Essas coincidências me levaram a pesquisas sobre danças Tribais africanas que serviram de bases para várias culturas.

Nesse processo me deparei por muitas vezes com temas que não eram comum para mim como racismo, preconceitos, gênero e outros, temas que estavam muito presente em minha vida, mas não era falado dentro do meu grupo de convivências.

Para suprir minha curiosidade iniciei pesquisas sobre essas demandas e me identificava cada vez mais, com isso, comecei a trazer isso para meu dia a dia, mas

ao mesmo tempo, reparava que não se tem muito material, locais e pessoas para esse tipo de debate e foi onde encontrei a Pós-Graduação em Histórias da África.

No curso me deparo com diversos temas de africanidades que estão me aguçando a pesquisar, como desconstrução da imagem de África, origens do preconceito sobre culturas de matriz africana, evolução da espécie humana, lei 10.639, didáticas de implementação do tema sobre a África em sala de aula, e outros. Temas que não tinha conhecimento e não sabia como tratar eles principalmente em sala de aula.

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Nos últimos meses observei uma grande mudança nas minhas atitudes em relação a trabalhos e conversas com meus alunos sobre temas relativos a África e africanidades. No mês de março finalizei um trabalho com meus alunos que abordava danças de matrizes africanas onde misturamos Danças tribais (Africanas), Danças Urbanas (Norte Americanas) e Afro Brasileiras.

No decorrer da elaboração do trabalho os alunos tinham que responder algumas questões: qual a origem dessas diferentes danças?; Como elas chegaram até esses locais?; Quais as influências delas hoje em nosso dia a dia?. Junto a pesquisa surgia perguntas e questionamentos dos alunos sobre diferentes coisas, e isso surgia como mais uma ferramenta para que o tema seja levado também para suas escolas, eu respondia as questões que estava ao meu alcance e outras eu pedia para eles pergunta ao seu professor da disciplina que mais se aproxima da questão, provocando que a pesquisa se estendesse para escola forçando o professor a falar sobre essas demandas em sala.

Dentro do curso tenho contato com diferentes culturas africanas que esta proporcionando muitas descobertas sobre vários assuntos que envolvem diversos temas como religião, comportamentos, danças, línguas e outros tudo isso vem me abastecendo de muitos temas que estou levando para meus alunos. Conhecendo algumas culturas africanas estou fazendo um link com culturas brasileiras, como a danças quilombolas que temos no Brasil, essas pesquisas vem contribuindo muito para o entendimento do livro “Danças de Matriz Africana, Antropologia do Movimento” de Jorge Sabino e Raul Lady que estou pesquisando e abordando em

sala de aula. O contato com documentários sobre diversos temas também vem contribuindo muito para meu desenvolvimento, esses vídeos são ótimas ferramentas para usar em sala vejo que os alunos se interessam mais e absorvem bem os temas, nas ultimas aulas assistimos vídeos “Heróis de todo mundo” vídeos que mostra grandes nomes da arte, literatura, esporte e outras profissões que são negros e não chega essas informações ate nós. E incrível a reação dos alunos quando descobrem que uma grandes nomes como Aleijadinho, Machado de Assis são negros, muitos expressam um olhar muito feliz se reconhecendo, é gratificante.

Tenho levado a eles muitas letras de musicas que aborda vários temas e vejo uma identificação muito grande deles com essas musicas tenho trabalhado vários cantores como Emicida, Racionais, Rael da Rima, Tim Maia, Sandra de Sa, Thaide, Mv Bil, Camila CDD, Rico DalaSam, Beyonce, Drika Barbosa, Criolo, Liniker, Ellem Oleria e outros, artistas que são ponto de partida para vários outros temas como roupas, formas de usar cabelo, movimentações, gírias, posturas, e varias outras questões. Hoje já observo uma mudança em vários alunos na postura, no cabelo e isso me deixa muito feliz e motivado a continuar abordando diferentes temas como eles.

Observo cada vez mais que os professores pouco falam sobre africanidades, é nesse ponto que quero trabalhar, quero continuar usando a dança como ferramenta de inclusão de temas que não são falados dentro do ambiente escolar.

Tenho observado cada vez mais como o curso vem me auxiliando e trazendo diferentes ferramentas para trabalhar da melhor forma com meus alunos. Observando esses fatos pretendo criar um material didático para a inclusão de temas sobre África, racismo, preconceitos, religião, gênero e outros temas dentro da cultura artística em geral.

Atividades desenvolvidas durante o curso:

Coreografia “Afro B.A. ”

Nome foi sugerido pelos alunos como abreviação de Afro Brasil e África.

O trabalho foi realizado por alunos do CEU – Centro Artes e Esportes Unificados de Juiz de Fora.

Durante as aulas na CEU uma vez ao mês fazíamos debate sobre algum tema que os alunos tinham interesse, dentro desses espaços falamos sobre racismo, cotas, orientação sexual, modelo de família, política e outros. Em uma dessas conversas surgiu nome África, mas identifiquei que muitos desses alunos olhavam para África como olhar de negatividade e como se fosse um país que só tinha pobreza, a partir desse momento dei início ao debate como questionamento, se África era um país ou continente?

Após a conversa e chegando a conclusão que é um continente, como atividade, sugeri que em casa eles deveriam pesquisar sobre o continente e seus países e cada um poderia identificar uma dança ou qualquer forma artística que existe no país que ele teve curiosidade em saber mais.

No retorno eles trouxeram um material muito bom que reunia fotos, textos vídeos e musicas, que foi material que usamos para da início a parte mais pratica. Durante o processo uma das alunas fez um questionamento que mudou o foco do trabalho, ela perguntou porque não poríamos misturar culturas Afro-brasileiras ? Que foi ótimo, e com isso comecei a trazer material sobre a Capoeira.

Pensando em melhorar o trabalho fiz o convite ao professor de Capoeira do projeto para da uma oficina de Maculelê que poderia nos fornecer material para colaborar para a coreografia ficar ainda mais rica.

Ao final do trabalho unimos a turma de Hip Hop com a turma de Capoeira realizando um lindo trabalho onde trazia elementos de vários países do continente Africano e Afro-brasileiras.

A coreografia foi realizada na quadra de areia com objetivo de mostra como era a realidade de muitas tribos indígenas e africanas.

Como cenário usamos dois atabaque, pau de Maculelê, folhas secas e desenhos na areia.

O figurino trazia elementos que lembrava saias feitas de palha, pinturas e acessórios que eles identificavam ser de origem negra.

Todo cenário e figurino foram feito por pesquisas dos alunos como podem observar nas fotos.

O resultado do trabalho foi ótimo conseguimos fazer boas discussões sobre culturas de matriz africana e muda um pouco olhar que eles tinham sobre esses temas que falamos durante as aulas.

Foto dos alunos da oficina de Hip Hop.



Coreografia UBUNTU

Trabalho realizado para os alunos do Projeto Remiwl BASE, um projeto social realizado pelo grupo de danças urbanas do qual faço parte, hoje projeto conta no total de 40 adolescentes que frequentam as aulas danças, inglês e acompanhamento de um psicóloga, todas as atividades gratuitas e são realizadas na Escola estadual Professor Teodoro Coelho, bairro Jóquei Clube em Juiz de fora.

O tema da coreografia surgiu após uma reunião para falar sobre as faltas de alguns alunos no projeto e falta de união dos mesmos. Pensando em material que poderia nos dar base para acabar com esse problema chegamos até a palavra Ubuntu que conheci através da musica do Emicida de nome Ubuntu, quando fui procurar o significado da palavra encontrei um vídeo que explicava toda a origem:

Ubuntu (filosofia)

Ubuntu é uma filosofia africana, presente na cultura de alguns grupos que habitam a África Subssariana, cujo significado se refere a humanidade com os outros. Trata-se de um conceito amplo sobre a essência do ser humano e a forma como se comporta em sociedade.

Para os africanos, ubuntu é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, uma ideia semelhante à do “amor ao próximo”.

Ubuntu significa generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados, e o desejo sincero de felicidade e harmonia entre os seres humanos.

Pensando nessa filosofia levamos para os alunos vídeos e musicas e aborda esses temas, que nos deu base para construir uma coreografia que se tornou a também a filosofia do nosso grupo.

Essa coreografia foi feita pensando no Festival Internacional de Hip Hop de Curitiba-PR, nossa ideia era estar sempre juntos, trabalhando juntos, criando formas para viajar juntos, porque sabíamos que não seria fácil chegar ate PR com 50 pessoas reunido alunos e responsáveis, sem que eles tivesse que gasta dinheiro próprio, baseado nessa filosofia foi feito todo trabalho e conseguimos ir para Curitiba sem gastos individuais.

Hoje grupo continua unido e com essa ideologia já conseguimos ir com todos os alunos para outros festivais em SP, BH e RJ, sempre juntos por um mesmo proposito, Ubuntu.

Fotos dos alunos do Projeto Remiwl BASE



União da Capoeira e Dança

Coreografia realizada com as turmas das oficinas de Dança “Hip Hop” e Capoeira da Escola Municipal CAIC Rocha Pombo do bairro Amazônia de Juiz de Fora.

A ideia surgiu após uma conversa com professor de Capoeira, dentro da conversa observamos que tínhamos alguns alunos em comum nas atividades que poderíamos usar isso para criar um trabalho que de alguma forma deixa as duas atividades mais unidas.

Após essa conversa levamos essa ideia para os alunos, que foi muito bem aceita, para dar inicio realizamos alguns encontros nos mesmo horário onde o ritmo mudava todo tempo tocando as musicas de Capoeira e Rap, foi uma aula muito divertida, com isso observamos quais tipos de musicas poríamos usar dentro do trabalho.

Pensando em musicas e cantores que eles se identificavam usamos o Samba tocado ao vivo pelos alunos da Capoeira e algumas outras musicas, para as coreografias da dança usamos uma musica da Beyonce e Rihanna que foi escolhida pelos alunos.

O trabalho que tinha iniciado com objetivo de unir mais os alunos das duas atividades teve um resultado bem maior e positivo, levamos esses alunos para apresentar a coreografia na Mostra Estudantil que foi realizada no Teatro Pro-Musica, Festa da Primavera da escola, Mostra do Tempo Integral também da escola e uma visita a escola do bairro vizinho, Monte Castelo.

Os alunos continuam muitos empolgados com as oficinas querem cada vez mais trabalhos com essas parcerias entre as culturas de matriz africana.

Para o próximo trabalho já sugeriram de fazer uma coreografia usando Rap, Funk e Cordel.

Fotos dos alunos da oficina de Hip Hop CAIC Rocha Pombo.



O continente Africano

Aula ministrada para a turma do 2º ano da Escola Municipal CAIC Rocha Pombo do bairro Amazônia em Juiz de fora.

Para dar início a atividade eu mostrei aos alunos uma imagem do continente africano em branco e perguntei a eles que conhecia essa imagem? As respostas foram diversas como o Brasil, uma pedra, um animal e etc. Logo depois mostrei outra imagem já com a atual divisão dos países e refiz a pergunta e uma aluna disse que era um país que achava que era África.

Com decorrer do assunto contei pra eles que eram um continente que tinha vários países e comecei a ler o nome dos países para observar se eles iriam se identificar com nome de algum, naturalmente alguns eles conheciam por já ter visto na TV ou por lembrar da seleção de futebol. Terminando essa parte pedi para eles desenhar qualquer coisa que eles conhecessem sobre África, o que eles imaginavam ter nesses países.

Os desenhos mostravam visões diferentes, a maioria de forma negativa, ao final do desenho pedi a eles para poder explicar o que seu desenho mostrava, as explicações foram bem diversas explicando que o continente africano tem monstros, só tem fome, que só tem pessoas negras. Mas observei também pontos positivos como desenhos bem coloridos, explicações que lá tem muita gente bonita, que as pirâmides ficam lá e outros. No final de todas as explicações fiz uma conversa para eles destacando todos os pontos positivos que eles trouxeram e pontuando outros, e de forma bem sutil falando sobre os pontos negativos tentando mudar a visão desses alunos.

Com decorrer das aulas venho notando algumas mudanças nas falas quando falo com eles sobre algum tema que envolve o continente Africano.

Fotos dos alunos do Tempo Integral da escola CAIC Rocha Pombo.



Olha o Cabelo do Tio

Esse foi tema de uma das aulas na Escola Municipal CAIC Rocha Pombo onde trabalho, aula realizada para as turmas do 1º e 2º anos.

No primeiro contato com essas turmas observei uma certa admiração e alguns distanciamentos dos alunos com a forma que uso meu cabelo (Dreads), durante as aulas muitas duvidas surgia, como:

Como você colocou?

Onde colocou?

Pode lavar?

Tem cheiro ruim?

Você não tem vergonha de sair na rua com esse cabelo?

Sempre tentei suprir essa duvidas com resposta bem explicativas para colaborar para uma mudança da visão. Mas continuei reparando que essas perguntas sempre voltava e passei a perceber como era a relação deles com próprio corpo, pensando nisso resolvi elaborar uma aula para contar para eles um pouco da minha historia de vida, como foi processo ate chegar nos Dreads e qual sua importância para mim, com objetivo de ressignificar a relação deles com próprio cabelo e sua cor.

O resultado dessa aula esta vindo com decorre das aulas, mas já vejo algumas mudanças no comportamento, hoje eles sabem que e meu próprio cabelo, tocam, cheira e não tem mais um olhar negativo sobre cabelo, como pode observar nas fotos.

E tento sempre levar pra eles alguma referencia de cantores, artistas, personalidades negros que usam penteados e cores diferentes nos cabelos, para dar continuidade no trabalho.

Fotos dos alunos do Tempo Integral CAIC Rocha Pombo.



Coreografia Baile de Favela

Trabalho realizado no Projeto Remiwl Base, projeto social criado pelo grupo Remiwl Street crew que faço parte, projeto existe a 2 anos e atualmente fica na Escola Estadual Teodoro Coelho no bairro Jóquei Clube em juiz de fora.

Coreografia teve inicio após um debate sobre culturas marginalizadas onde estávamos falando do Hip Hop Cultura que vem dos Estado Unidos, Dancehall cultura Jamaicana, relacionando com o Funk brasileiro.

Nessa conversa falamos como as culturas de fora ganham uma acessão no Brasil muito rápida mesmo sendo marginalizadas em seus países de origem, relacionando com funk que uma cultura brasileira e sofre grande preconceito em nosso país.

Objetivo dessa troca de opiniões era mostra como a cultura Funk e rica, como ela e importante para as pessoas que a praticam, para as pessoas quem convive com elas nas comunidades, para o comercio, mídia, geração de renda e outros. Pensando nisso passamos a reparar no local onde moramos e ver como funk esta presente em nossa vida e que podemos pratica-lo e olhar para ele de forma positiva.

Relacionando um pouco dessas ideias resolvemos criar uma coreografia que traz como foco o Funk Carioca brasileiro, então escolhemos uma versão da musica Baile de Favela, que conta um pouco das particularidades que existes dentro dessas comunidades.

O resultado vem sendo muito bom, todos os alunos colaboram com pouco trazendo suas vivencias junto a essa musica e forma de dançar, unindo todas essas visões estamos terminando esse trabalho, que vamos estreamos no dia 10 de dezembro de 2016.

Foto dos alunos do Projeto Remiwl BASE.

REMIWL BASE



BAILE DE FAVELA

Práticas Pedagógicas: Intervenções e Ações sócio educativas.

Plano de Ação: Reconstrução da Própria Imagem

Este plano de ação surge para colaborar para reconstrução da autoestima dos alunos das oficinas de Dança\Hip Hop. As oficinas ocorrem em dois encontros na semana na Escola Municipal CAIC Rocha Pombo com duração de 1h cada aula. As oficinas de hip hop entram como atividade extracurricular para os estudantes da escola e comunidade do bairro com objetivo de trazer para esses jovens arte, cultura, ocupação e lazer.

Grande parte dos alunos que frequenta as oficinas são adolescente, estão frequentando o ensino médio, em uma média das turmas 85% são do gênero feminino e 15% masculino, e no total das meninas a maioria são afrodescendentes, vindas das comunidades que rodeiam a escola, esses jovens trazem com eles um discurso que desvaloriza sua cor e seu cabelo, se colocando sempre no papel de inferior, valorizando modelos de beleza que veem nas mídias.

Na convivência diária com estes jovens noto que eles não aceitam seu cabelo crespo e buscam diferentes tratamentos químicos para “melhorar” o cabelo, como elas falam “para deixa-los mais comportados”. Vejo que o uso dessas químicas prejudica cada vez mais a saúde do cabelo deixando cada vez mais danificado, e junto ao assunto do cabelo reparo uma desvalorização também da sua cor, reparo que no geral quando acontece alguma briga ou discussão eles sempre usam palavras e nomes muito negativo para poder ferir uns aos outros, palavras essas sempre usadas de uma forma muito agressiva desvalorizando os afrodescendentes.

Como diz Gomes (2002, p.9)

O cabelo é um dos principais ícones indeníveis para os negros. Porém, o cabelo sozinho não diz tudo. A sua representação se constrói no âmbito das relações sociais e raciais. Pegar no cabelo é tocar no corpo. Cabelo crespo e corpo negro, colocados nessa ordem, são expressões de negritude. Por isso não podem ser pensados separadamente.

Com decorrer das aulas venho trazendo diferentes assuntos colocando em debate temas sobre racismo, cotas, preconceitos, feminismos, orientação sexual, formas de usar cabelo e outras, introduzindo conversas que contribua para melhorar a aceitação de suas particularidades. Mas sinto necessidade de intensificar ainda mais a discussão. E por esse motivo trago essa proposta de intervenção para escola, que vem como um dos objetivos principais colocar em prática a Lei. 10.639\03 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas, usando a dança como ferramenta de introdução da lei, que esta em vigor desde 2003 e pós mais de 10 anos a grande maioria das escolas e instituições de ensino não colocou em pratica. Para essas escolas falar sobre as culturas negras esta ligada somente ao dia 20 de Novembro onde se comemora o dia da Consciência Negra, mudar esse pensamento da escola e um dos objetivos desse trabalho.

Na discussão em sala de aula vamos trabalhar junto do aluno sua autoestima, contribuindo para reconstrução indenitária, cultural e social. Mostrando para esse aluno como sua relação com as outras pessoas pode mudar com a sua mudança pessoal, valorizar as culturas de origens quebrando o estigma criado sobre elas.

A intervenção está dividida em várias etapas que terão duração total de quatro meses, será elaborada com os alunos da Oficina de Hip Hop que tem idade de 12 a 16 anos. Que estão terminando o ensino fundamental e iniciando ensino médio e na sua maioria passam pela adolescência e estão se descobrindo biologicamente e escolhendo suas profissões. Essa momento que eles estão passando e muito importante que eles sejam orientados para fazer as melhores escolhas nos âmbito pessoal e profissional e incentivar continue na escola para o termino do ensino médio que é a etapa final da educação básica. É nesta fase que o individuo consolida as informações e conhecimento necessários para o exercício da cidadania. É também a fase que antecede, para poucos jovens, o ingresso na educação superior e em muitos deles se preparam para o mercado de trabalho.

Segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de Historias e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2013, p.51)

Essa é uma das etapas de ensino da Educação Básica com menor cobertura e maior desigualdade entre negros e brancos. Segundo dados do Censo do IBGE/2010, 54,6% da população negra não havia completado o ensino médio. No ensino médio, a taxa de

estudantes é de 52,4% brancos e a de negros, 28,2%. Acreditando que a Educação das Relações Étnico-Raciais pode contribuir para ampliação do acesso e permanência de jovens negros e negros no ensino médio e possibilitar diálogo com os saberes e valores da diversidade.

Atividades: serão divididas em aulas de 1h, duas aulas semanais.

- **Atividade 1)** Iniciar as atividades com perguntas e implicações que façam os alunos refletirem sobre seu cabelo, religião, sua cor, a região onde mora, para captar material e ver quais desse temas deve ter mais atenção.

Uso como ponto de partida para iniciar esses diálogos conversos sobre séries que passam na TV aberta onde se encontra vestimentas, gestos, falas, danças, cabelos, músicas e personagens negros.

Usando como exemplo series como:

“Eu a Patroa e as Crianças”, “Um Maluco no Pedaco”, “Kena & Kel”, “ As Visões da Raven”, “Todo mundo odeia Chris” e outras.

Series que apresentam em seu conteúdo temas que retratam a Cultura Hip Hop e Africanidades, mostrando personagens e artistas negros no meio de comunicação.

Buscando junto mostra como e feita essa representação nas mídias, identificando a frequência e de que forma os negros estão representado nas mídias populares.

Observação: Release das series citadas em anexo.

- **Atividade 2)** Dentro de uma caixa de sapato vou colocar um espelho e vários objetos (os objetos são ilustrativos). Após uma conversa sobre o tema “como você vê a sua cor” vou pedir para eles irem, um de cada vez, até a caixa e ver qual objeto eles se identificam, em seguida perguntarei a eles o que eles acham sobre o que viu na caixa?

Ao final da atividade vamos fazer uma roda para conversar sobre a imagem e trabalhar questões que vão ser levantadas por eles.

Material: Para essa atividade é necessário ter uma caixa de sapato com tampa, um espelho, e objetos que possa ser usado como ilustração, exemplo: Chave, bonecas, boné, cordão, terço e outros.

Atividade 3) Levar os alunos a sala de vídeo onde veremos alguns documentários que abordam temas sobre cabelos crespos. Esses documentários vão ser temas de diferentes aulas, e vamos sempre discutir sobre eles ao final.

Documentários:

O lado de Cima da Cabeça

<https://www.youtube.com/watch?v=1RFvuA0cu60>

Raíz Forte

Episodio 1: A Infância

https://www.youtube.com/watch?v=xckeeqhL9_I

Episodio 2: Adolescência e juventude

<https://www.youtube.com/watch?v=Syq2V-uOE74>

Episodio 3: Vida adulta

https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=JTsYOyZPRew

Espelho, espelho meu!

<https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ>

- **Atividade 4)** levar para sala de aula imagens e fotos de diversas personalidade e artistas negros que eles possivelmente vão se identificar, pessoas que são militantes nesse processo de mudança contra o racismo como Martin Luther King , Nina Simone, Malcom X, Nelson Mandela , Beyonce, Emicida, Racionais Mc´s, Zeze Motta, Milton Gonsalves e outros. Objetivo desse trabalho mostra a eles como grandes nomes do cenário mundial que são negro vem fazendo mudanças importantíssimas e mostra a eles artistas negros para que eles possam se identificar de alguma forma como essas pessoas.

Durante a atividade o professor deve contextualizar para os alunos em formal essas personalidades e artistas mostrando a importância do trabalho de cada um.

Ao final da atividade pedir que, em casa procure em jornais e revistas pessoas negras nesse material e trazer para próxima aula esses recortes.

- **Atividade 5)** Junto com os alunos conversar sobre as fotos que eles conseguiram identificar nas revistas em casa.
Pegar todas essas fotos colar ou pendura por toda a sala onde vão se reunir durante as aulas.
Objetivo dessa atividade torna uma rotina diária onde eles vão ver pessoas negras em destaque todos os dias, e se relacionar com essas imagens se auto identificar.
- **Atividade 6)** Levar os alunos para fazer pesquisas na sala de informática para pesquisar sites, Blogues e vídeos.
Usaremos como base:

Site:

A cor e cultura

<http://www.acordacultura.org.br/>

Cacheia

<http://cacheia.com>

Blogue:

Blogueiras Negras

<http://blogueirasnegras.org/>

Canal:

Projeto Abridor de cabeças

<https://www.youtube.com/user/projetoabridor/videos>

O Projeto Abridor de cabeças e o canal onde está hospedado os vídeos “Heróis de Todo o Mundo” que mostra pessoas e personalidades brasileiras que são negras, que possivelmente os alunos não conhecem.

Em cada uma dessas pesquisas os alunos vão buscar algum conteúdo que eles se identificam fazendo leituras de imagens, textos e vídeos.

Ao final da aula vamos conversar sobre o que eles pesquisaram e falar de que forma eles se familiarizam com que viram.

- **Atividade 7)** levar para os alunos diferentes músicas de artistas negros que falam sobre diferentes temas em suas músicas, e escolher 3 delas para construirmos um trabalho para ser apresentada ao final do semestre. As canções que vamos escolher deverão ter temas que falam sobre temáticas como luta contra racismo, gênero, preconceitos e outros, essas músicas vão ser trabalhadas com olhar crítico sobre essas letras analisando o conteúdo de cada uma e procurar entender qual objetivo e quais as mensagens que dentro dessas músicas, que serão usadas na construção do trabalho e temas para conversas.

Observação: Alguns exemplos de músicas em anexo do material.

- **Atividade 8)** Levar até a escola uma oficina de turbante e penteados para cabelos crespos e oficina de maquiagem, onde os alunos vão aprender como usar diferentes penteados e acessórios para as diferentes formas de cabelos e tom de pele.

Com base nessa oficina vamos criar os figurinos para apresentação final.

- **Atividade final:** Vamos realizar uma apresentação de dança na escola mostrando para outros alunos e professores o resultado da pesquisa e desta atividade que foi desenvolvida durante quatro meses.

A apresentação final vai mostrar alguns dos pontos trabalhados nesse mês de atividades levando para o público uma reflexão sobre como nós brasileiros temos preconceitos sobre as várias culturas vindas do continente africano como as religiões, danças, roupas, línguas, formas de usar cabelo, músicas e outros. Vamos levar para o público uma visão diferente dessas culturas mostrando como são positivas e como fazem parte da nossa cultura, esta a muito tempo no nosso dia a dia, não valorizamos e muitas vezes não vemos como nossa cultura. E mostra como não podemos falar de culturas negras sem falar da África que é matriz de diversas culturas como Samba, Maracatu, Jongo, Funk, Dancehall, Reggae e Hip Hop.

Pretende-se apresentar aos convidados um minidocumentário que vai mostrar parte do processo vivido pelos alunos no dia da culminância do projeto.

Realizar debates que serão conduzidos pelos próprios alunos relatando as vivências que tiveram durante o semestre.

O objetivo principal do trabalho é colaborar para reconstrução da autoestima dos alunos mostrando suas diferenças e valorizando sua beleza.

Outros objetivos secundários também serão trabalhados no projeto, tais como:

- Criar neles o hábito de falar sobre diferentes temas como racismo e despertar o senso crítico sobre as informações e os padrões de beleza imposta pela mídia sobre nós.
- Resgatar a autoestima do aluno e mostrar que ele é capaz.
- Instigar a escola a falar sobre Africanidades dentro das outras matérias.
- Colocar em prática a Lei. 10.639/03.
- Promover um olhar diferente da escola para os alunos.

Referencias Bibliográficas:

AZEVEDO, Amailton Magno. **Qual África Ensinar no Brasil? Tendências e Perspectivas**. São Paulo, 2016.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de Matriz Africana: Antropologia do movimento**; Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BRASIL, **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília - DF, 2013.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **O Conteúdo “Dança” em Aulas de Educação Física: Temos o que para ensinar**. *Revista pensar a Prática* n. 6: 45-58, Jul./Jun. 2002-2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília DF, 2005.

CHIARANI, Drigenen Capelim Sabino; FASSHERBER, José Ronaldo Mendonça. **Dança afro-brasileira: uma possibilidade de trabalho nas aulas de Educação Física**, São Paulo, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime et al. **Livro 3 GINASTICA, DANÇA E ATIVIDADE CIRCENSES: Práticas corporais e a Organização do Conhecimento**. Brasília - DF, 2014.

GOMES, Nina Lino. **Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra**, Belo Horizonte-MG, 2002.

CHIARANI, Drigenen Capelim Sabino; FASSHERBER, José Ronaldo Mendonça. **Dança afro-brasileira: uma possibilidade de trabalho nas aulas de Educação Física**, São Paulo, 2008.

REIS, Adriano de Paiva, et al. **Pedagogia Histórico- Crítica e educação Física**. Juiz de Fora – MG, 2013.

SILVA, Célia Regia. **Beleza negra, Orgulho Crespo: No corpo (Des)Constrói-se a(in)diferença, o Estigma.** São Paulo, 2016.

SOUZA, Vitor Martins. **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora.** São Paulo, 2012.

SILVA, José Carlos Gomes. **Juventude, Cultura e Política: Repensando os estudos Culturais, Revisitando o Hip-hop.** São Paulo, 2016.

SANTOS, Renata Ap. Felinto dos. **Arte Africana e Afro-Brasileira em sala de aula.** São Paulo, 2006.

SILMOR, Christine. **Corpo Mídia na Escola.** São Paulo, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra.** Belo Horizonte, 2004.

ZUBARAN, Maria Angélica et al. **Stuart hall E as Questões Étnico-Raciais no Brasil: Cultura, representações e identidades.** São Paulo, 2016.

O Lado de cima da cabeça. Disponível em: <http://cacheia.com/2014/08/documentarios-cabelo-cacheado/>>. Acesso em 05 de setembro 2016.

Raiz Forte. Disponível em:< <http://cacheia.com/2014/08/documentarios-cabelo-cacheado/>>. Acesso em 05 de setembro 2016.

Espelho, espelho meu! Ayódelê Oduduwa, Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ> >. Acesso em 05 de setembro 2016.

Considerações Finais

O curso de História da África tem me proporcionado um aprendizado vasto de informações que vem realmente me tirando da zona de conforto, desse o período que entrei para curso observei uma mudança significativa na minha forma de pensar e ver o mundo em todos âmbitos que atuo, dentro da escola e projetos sociais estou atento todo o tempo sobre os possíveis problemas que pode vir acontecer e sempre motivado a levar material sobre africanidades e outros temas para meus alunos.

Sinto grande necessidade de esta sempre atualizando, motivado pelo curso estou sempre lendo livros e artigos, assistindo documentários e vídeos, frequentando palestras e debates, que tenha conteúdo que vai contribuir para minha formação como pesquisador.

Dentro do trabalho que desenvolvo nas escolas e projetos sociais vejo um avanço muito grande em relação aos alunos, hoje conseguimos ter boas conversas sobre temas como cabelo, cor, racismo, feminismo, religião e outros sem olhar de negatividade. No decorrer desses meses falando sobre África nas aulas muitos dos alunos despertaram interesse em estudar África, alunos que estudam na UFJF que entraram para matéria de História da África, alunos que estão mudando a forma de usar cabelo, que contou para os amigos ser ligado religião de matriz africana e muitos outros resultados que ainda não chegou e esta caminhado.

Vejo que nosso trabalho e feito sempre com muita resistência, dentro do conteúdo que estou me apoiando sinto essa fala dos autores, uma fala forte que nos motiva a continuar fazendo da melhor forma possível.

Hoje consigo ver também como existe trabalhos dentro de varias formar artística que vem falando de forma bem ampla de africanidades trabalhos na musica, teatro, dança, artes visuais, filme, documentário, fotografia. Ótimos trabalhos que contem mensagens disposta a mudar a visão das pessoas, mas que ainda são poucos divulgados pela mídia nacional.

São movimentos como esse que nos motiva a continuar fazendo esse trabalho da melhor forma e continuar lutando por uma melhora e valorização das culturas negras dentro do ambiente escolar e social.

Anexos:

Sinopse das series citadas na Atividade 1:

Todo mundo odeia o Chris



Everybody Hates Chris (Todo Mundo Odeia o Chris) ou Todos Contra o Chris é uma série de televisão estadunidense de comédia inspirado nas experiências pessoais de Chris Rock no bairro de Bed-Stuy, em Nova Iorque, seguindo um estilo muito parecido com a série Anos Incríveis. No entanto a série Anos Incríveis se passava entre os anos 60 e 70, já Everybody Hates Chris se passava nos anos 80. Curiosamente Everybody Hates Chris deveria se passar nos anos 70, pois a infância de Chris Rock foi nessa década, porém já tinha outra série de muito sucesso que se passava nos anos 70 que se chamava That '70s Show, então os produtores resolveram fazer uma mudança estratégica e trouxeram a série para os anos 80. Estrelado por Tyler James Williams e o elenco principal formado por Terry Crews, Tichina Arnold, Tequan Richmond, Imani Hakim e Vincent Martella, Everybody Hates Chris teve quatro temporadas, exibidas originalmente nos Estados Unidos entre 22 de setembro de 2005 e 8 de maio de 2009, pelos canais de televisão The CW Television Network e United Paramount Network. Também foi exibido no canal pago americano Nick at Nite.

O fim da série foi anunciado em março de 2009. O último episódio foi ao ar em maio de 2009. Foi o episódio "Todo Mundo Odeia o Supletivo", o de número 22 da quarta temporada.^[1]

No Brasil, foi exibida em três emissoras, inicialmente no canal Sony e posteriormente na Rede Record e no TBS, sendo que os dois últimos canais exibem a série até hoje no Brasil.

Motivado por suas experiências de infância, o comediante, Chris Rock narra essa história muito divertida e comovente de um adolescente crescendo, o mais velho de

três filhos, no Brooklyn, Nova Iorque, em 1982. 1982 é o ano em que Chris completa 13 anos. Cheio de sonhos e de esperanças como um adolescente comum, Chris se muda com sua família para "Bed-Stuy: só doido vai". Enquanto seus pais estão trabalhando, ele é responsável por cuidar de seu irmão mais novo, Drew, que é mais alto e mais confiante do que Chris e sua irmã Tonya, que recebe toda a atenção dos pais. O pai de Chris, Julius, trabalha em dois empregos para sustentar sua família. Sua mãe, Rochelle, comanda a casa com um orçamento apertado, ela é muito rigorosa, e trabalha parcialmente em um pequeno escritório imobiliário. Com sua mãe determinada a vê-lo em uma boa escola, embora Drew e Tonya vão para a mesma escola em seu antigo bairro, Chris relutantemente enfrenta múltiplas transferências de ônibus todos os dias para ir até a Corleone Junior High, no bairro italiano, South Shore. Apesar de ser um alvo imediato para os valentões, Chris, com seu charme inato e inteligência afiada se permitirá fazer novos amigos, como Greg, um garoto esperto... que não pode lutar. Chris Rock incisivamente olha para trás, seu eu mais jovem está definido para descobrir o que sua família já sabe: caráter agudo, desconexo, que o levará a vários lugares. Mas, primeiro, ele terá que pensar, falar, ou correr o seu caminho através de uma experiência de crescimento em casa e na escola... e em qualquer ponto de ônibus ao longo do caminho.

Eu, a Patroa e as Crianças



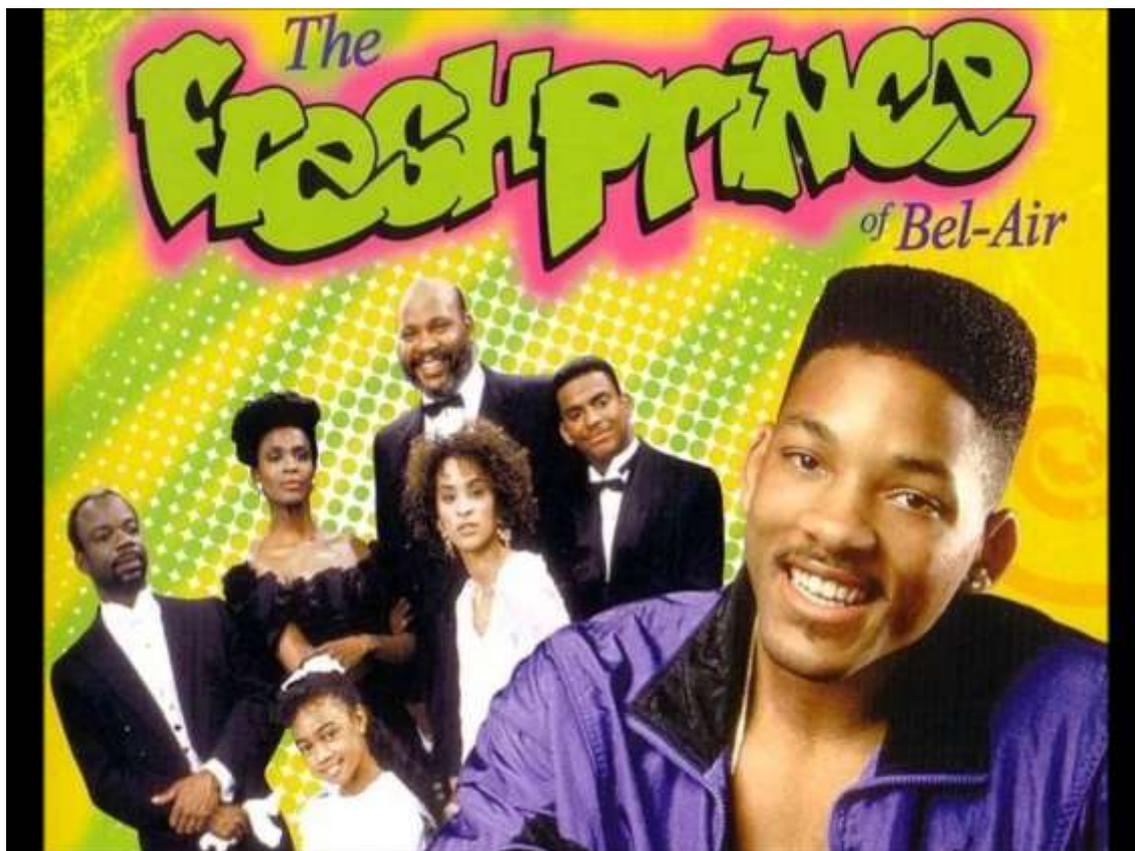
My Wife and Kids é uma série de televisão norte-americana de comédia de situação que foi originalmente transmitida pela ABC e estreou no dia 28 de março de 2001, tendo o seu último episódio exibido em 17 de maio de 2005. A série é focada no personagem Michael Kyle (Damon Wayans), um marido carinhoso e um pai moderno que ensina regras de convivência com um estilo diferente e único. Ele

mostra para seus três filhos, Junior (George O.), Claire (Jennifer Freeman), e Kady (Parker McKenna Posey), lições de vida, sempre com um toque humorístico.

Estrelada por Damon Wayans e Tisha Campbell-Martin, a série foi produzida pela Touchstone Television (agora, ABC Studios). No Brasil, o seriado começou a ser transmitido pelo SBT com o título adaptado de Eu, a Patroa e as Crianças desde 7 de novembro de 2002, na mesma época o seriado também apareceu na antiga grade de programação do Disney Channel Brasil, em horário nobre de 2002 até 2005.

A série tinha como premissa um comerciante de meia idade, Michael Richard Kyle, interpretado por (Damon Wayans), dono de uma empresa de caminhões e mora com a sua família nos subúrbios de Stamford, Connecticut. Ele é casado com Janet Marie Kyle, normalmente referida como "Jay" (Tisha Campbell), que era uma dona de casa, mas começou a trabalhar, (mas decidiu tornar-se uma dona de casa mais uma vez depois que ela foi demitida de seu trabalho na temporada dois, episódios "Jay Gets Fired"). Michael e Jay têm três filhos: Michael Kyle Jr, geralmente chamado simplesmente de "Junior" (George O. Gore II), ele é o filho mais velho que Michael e Jay o tiveram quando Jay tinha apenas 16 anos de idade; Claire (Jazz Raycole, mais tarde Jennifer Nicole Freeman), sua filha do meio, que é uma típica adolescente americana, e Kady, a caçula (Parker McKenna Posey). Ela normalmente arruína os planos de Michael. Como a série evoluiu, Michael se envolveu em situações cada vez mais bizarras, Júnior deixou de ser um fracassado simples para ser retratado como um idiota total (embora com algumas características semelhantes, como ele mostrou alguns lampejos extremamente raros de inteligência, bem como um talento para o desenho), e Claire foi descrito como sendo autoabsorvida e desajeitada.

Um Maluco no Pedaco



The Fresh Prince of Bel-air (no Brasil, **Um Maluco no Pedaco**^[1] / pt: **O Príncipe de Bel-Air**) é uma série de televisão do gênero comédia produzida pela rede NBC e exibida de 1990 até 1996. A série fez muito sucesso e foi responsável por revelar o ator Will Smith. No Brasil, a série estreou no SBT no dia 19 de março de 2000.

Através de situações engraçadas, a série mostra os conflitos de valores de uma sociedade marcada por problemas raciais, como a norte-americana, onde o humor impagável de Will leva todos os seus parentes ao limiar da loucura. Após uma briga com consumidores de droga na cidade de Filadélfia, a mãe de Will, temendo que o futuro do filho passasse pelo mundo do crime, resolve enviá-lo para a mansão de sua irmã e de seu cunhado Phillip Banks, um advogado, que depois se tornou juiz, muito bem estabelecido, que mora no elegante e luxuoso bairro de Bel-Air em Los Angeles, para que o filho possa ter uma educação de alto nível. No início, Will não se dá muito bem, pois sendo um garoto humilde, vindo de um bairro pobre, comporta-se de maneira inadequada, além de se mostrar desinteressado pelos estudos e ainda provocar várias trapalhadas aos tios e primos na sofisticada casa, em Bel-Air.

Kenan e Kel



Kenan & Kel foi uma série de televisão americana, uma sitcom estrelada por Kenan Thompson e Kel Mitchell. A série foi exibida pela Nickelodeon americana de 1996 a 2000. A trama gira em torno de Kenan Rockmore (Kenan Thompson) que é o garoto esperto, e seu melhor amigo Kel Kimble (Kel Mitchell) que é o atrapalhado e inseparável amigo de Kenan, que ama refrigerante de laranja.

A série estreou na Nickelodeon em 15 de julho de 1996, e a música de abertura é composta e apresentada pelo rapper Coolio. O último episódio foi exibido no dia 3 de abril de 2000, num total de 62 episódios, além do filme *Two Heads Are Better Than None* (br: *Duas Cabeças Pensam Melhor Do Que Nenhuma*), que foi exibido no dia 15 de julho de 2000.

Foi adquirida recentemente pelo SBT, e está sendo exibida pela emissora desde 5 de setembro de 2015, aos sábados, 12h30.

Em "Kenan & Kel", a trama gira em torno de Kenan Rockmore (Kenan Thompson) que é o garoto esperto, e seu melhor amigo Kel Kimble (Kel Mitchell) que é o atrapalhado e inseparável amigo de Kenan, que ama refrigerante de laranja.

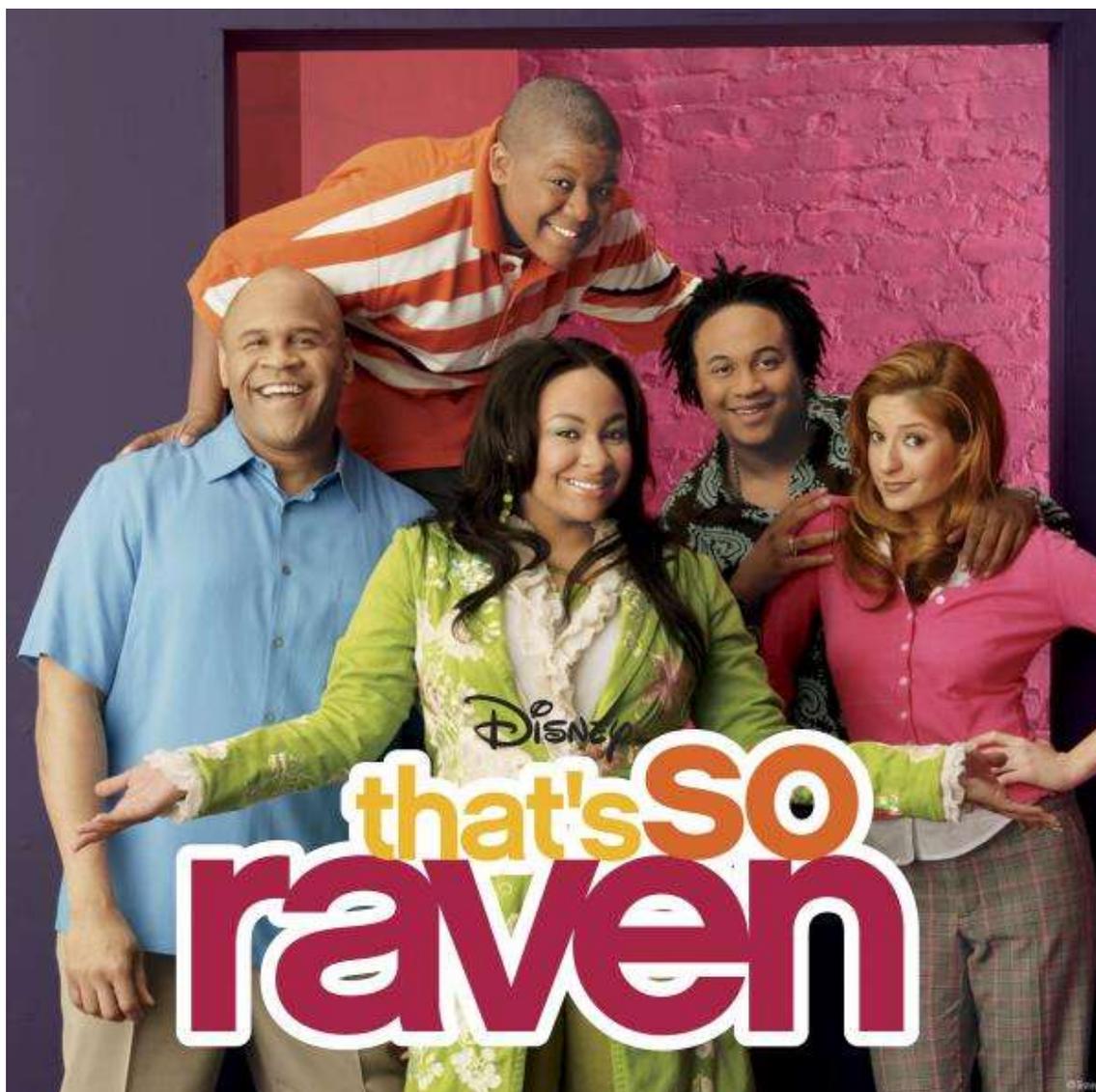
Na história, Kenan e Kel são dois jovens de Chicago que sempre criam planos mirabolantes para ganhar dinheiro, conquistar garotas ou simplesmente se divertir e viver uma grande aventura, o que gera várias confusões e mal entendidos entre eles e outras pessoas. Kenan é o cérebro da dupla e quem geralmente bola tais ideias, as quais Kel se mostra quase sempre relutante, mas acaba aceitando acompanhar seu amigo, apesar de Kel quase sempre botar tudo a perder.

Em seu cotidiano, Kenan divide o tempo entre seus estudos e seu trabalho na mercearia Rigbys, cujo dono (e conseqüentemente chefe de Kenan) é Chris Potter, que também é grande amigo da família Rockmore e possui uma boa amizade

também para com Kel, apesar de se irritar com as palhaçadas deste, sempre o contrariando e incomodado com Kel atrapalhar o trabalho de Kenan e costumar pegar refrigerante de laranja sem pagar. Mesmo tendo bom relacionamento, Chris costuma ser às vezes exigente para com Kenan, já que é metódico e um tanto quanto paranóico.

Kenan vive com seus pais Roger e Sheryl e sua irmã mais nova Kyra em uma casa de dois andares, onde Kel praticamente mora também, uma vez que os pais de Kel não são vistos na série, deixando claro que Kel é um tanto quanto solitário em questão de família, se mostrando um tanto carente. Devido á falta de atenção dos pais, Kel é um tanto quanto sem noção e comete algumas gafes para com a família de Kenan e entre outras pessoas.

As Visões da Raven



That's So Raven (As Visões da Raven (título no Brasil) **ou Raven** (título em Portugal)) foi uma série de televisão estadunidense do Disney Channel do gênero comédia. O seriado, responsável pela fama da atriz e cantora Raven-Symoné conta a história da

adolescente Raven Baxter, que tem o poder de prever o futuro. Ela e os seus melhores amigos, Chelsea Daniels e Eddie Thomas, vão ter grandes aventuras onde nem tudo ocorre como previsto. O seriado era exibido inicialmente no Brasil pelo programa Zapping Zone, no Disney Channel Brasil. Era exibido também no Disney Channel fora do programa e foi exibido entre 17 de janeiro de 2003 a 10 de novembro de 2007.

No Brasil, foi exibida também pelo canal aberto SBT, a partir de 2007, inicialmente aos sábados de tarde, no bloco "ataque de risos", tornando-se diária, exibida às 13h30 de segunda a sábado, com uma hora de duração. Em 2015 foi bruscamente substituída pela série dos anos 50 I Love Lucy no dia 15 de Junho, a pedido de Sílvio Santos, voltando para a grade da emissora no dia 17 devido a baixa audiência de I Love Lucy. As duas séries eram exibidas em sequência, no mesmo horário 13:30 e 14:00 da tarde respectivamente. Saiu do ar no dia 30 de Junho do mesmo ano, dando lugar a série Arnold. O seriado é considerado o maior sucesso da história do Disney Channel em termos de audiência e de duração, sendo a primeira do canal a passar de 100 episódios. A série foi nomeada em 2005 e 2007 para o Emmy Awards.^[1]

Em 2014 a série foi reprisada duas vezes no Disney Channel Brasil, a primeira vez em Julho no bloco 'Disney Channel Fest' que reprisou também outras series da época, e na segunda vez no mês de Novembro junto com Hannah Montana, Sunny Entre Estrelas e Os Feiticeiros de Waverly Place, no bloco Disney Replay.

As Visões da Raven rendeu umas das avaliações mais elevadas do que qualquer outra série do Disney Channel.^[2]A emissora de Sílvio Santos, SBT não renovou o contrato da série. Recentemente a atriz Raven-Symoné anunciou o retorno da série. Na nova série, Raven é uma mãe divorciada que tem um filho e uma filha pré-adolescentes, e um deles herdou a habilidade de ver flashes do futuro. O elenco principal continuará na série. Nós vamos fazer um novo As visões da Raven, que ainda não tem título. Durante a exibição do The View, talk show em que participa, ela brincou com a novidade: "Eu estou animada e triste, mas principalmente animada".

Raven Baxter poderia ser uma típica adolescente, se não fosse pela excepcional inteligência e a estranha capacidade de prever o que vai acontecer nos próximos cinco segundos. Esse dom peculiar causa mais problemas na vida de Raven do que poderíamos imaginar. O inconveniente é que as visões que ela tem sobre o futuro próximo não vêm com todos os detalhes, e sua imaginação acaba preenchendo esses pequenos buracos negros em suas premonições, causando, na maioria das vezes, conseqüências inacreditáveis. Só sua família e amigos sabem desse dom. Eddie e Chelsea são seus melhores amigos e eles acompanham Raven nas suas aventuras mais cômicas e inesperadas.

Anexo 2:

Exemplos de Musicas para Atividades 7.

Emicida – Mandume

<https://www.youtube.com/watch?v=SlrBrllZfc>

[Refrão: Emicida]

Eles querem que alguém

Que vem de onde nóiz vem

Seja mais humilde, baixa a cabeça

Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda

Eu quero é que eles se... !

Eles querem que alguém

Que vem de onde nóiz vem

Seja mais humilde, baixa a cabeça

Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda

Eu quero é que eles se... !

(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)

(Nunca lembrou de nóiz, caralho!)

(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)

(Nunca lembrou de nóiz, caralho!)

[Verso 1: Drik Barbosa]

Sou Tempestade, mas entrei na mente tipo Jean Grey

Xinguei, quem diz que mina não pode ser sensei?

Jinguei, sim sei, desde a Santa Cruz, playboys

Deixei em choque, tipo Racionais, "Hey Boy! "

Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença

Chega! Sou voz das nega que integra resistência

Truta rima a conduta, surta, escuta, vai vendo

Tempo das mulher fruta, eu vim menina veneno

Sistema é faia, gasta, arrasta Cláudia que não raia

Basta de Globeleza, firmeza? Mó faia!
Rima pesada basta, eu falo memo, igual Tim Maia
Devasta esses otário, tipo calendário Maia
Feminismo das preta bate forte, mó treta
Tanto que hoje cês vão sair com medo de bu
Drik Barbosa, não se esqueça
Se os outros é de tirar o chapéu, nóiz é de arrancar cabeça

[Verso 2: Amiri]

Mas mano, sem identidade somos objeto da História
Que endeusa "herói" e forja, esconde os retos na História
Apropriação a eras, desses tá na repleto na História
Mas nem por isso que eu defeco na escória
Pensa que eu num vi?
Eu senti a herança de Sundi
Ata, não morro incomum e
Pra variar, herdeiro de Zumbi
Segura o boom, fi
é um e dois e três e quatro, não importa, já que querem eu cego eu "Tô pra
ver um daqui sucumbir! " (não!)
Pela honra vinha Man
Dume: Tira a mão da minha mãe!
Farejam medo? Vão ter que ter mais faro
Esse é o valor dos reais, "caros"
Ao chamado do alimamo: Nkosi Sikelel', mano!
Só sente quem teve banzo
(Entendeu?) Eu não consigo ser mais claro!
Olha pra onde os do gueto vão
Pela dedução de quem quer redução
Respeito, não vão ter por mim?
Protagonista, ele preto sim
Pelo gueto vim, mostrar o que difere
Não é a genital ou o "macaco! " que fere

É igual me jogar aos lobos
Eu saio de lá vendendo colar de dente e casaco de pele

[Verso 3: Rico Dalasam]

Meme de negro é: me inspira a querer ter um rifle
Meme de branco é: não trarão de volta yan, Gamba e Ringue

Arranca meu dente no alicate
Mas não vou ser mascote de quem azeda marmitta
Sou fogo no seu chicote
Enquanto a pessoa for morte pra manter a ideia viva
Domado eu não vivo, não quero seu crime
Ver minha mãe jogar rosas
Sou cravo, vivido entre espinhos treinados
Com as pragas da horta
Pior que eu já morri tantas antes de você
Me encher de bala não marca, nossa alma sorri
Briga é resistir nesse campo de fardas

(Cêloko Cachoeira!)

[Refrão: Emicida]

Eles querem que alguém
Que vem de onde nóiz vem
Seja mais humilde, baixa a cabeça
Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda
Eu quero é que eles se... !
Eles querem que alguém
Que vem de onde nóiz vem
Seja mais humilde, baixa a cabeça
Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda
Eu quero é que eles se... !

(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)

(Nunca lembrou de nóiz, caralho!)

(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)

(Nunca lembrou de nóiz, caralho!)

[Verso 4: Muzzike]

Banha meu símbolo, gora meu manto que eu vou subir como rei
Cês vive da minha cicatriz, eu tô pra ver sangrar o que eu sangrei
Com a mente a milhão, livre como Kunta Kinte, eu vou ser o que eu quiser
Tá pra nascer playboy pra entender o que foi ter as corrente no pé
Falsos quanto Kleber Aran, os vazio abraça
La Revolução tucana, hip-hop reaça
Doce na boca, lança perfume na mão, manda o mundo se foder
São os nóia da Faria Lima, jão, é a Cracolândia Blasé
Jesus de polo listrada, no corre, corte degradê
Descola o poster do 2pac, que cês nunca vão ser
Original favela, Golden Era, rua no mic
Hoje os boy paga de 'drão, ontem nóiz tomava seus Nike
Os vira lata de vila, e os pitbull de portão
Muzzike, filho de faxineira, eu passo o rodo nesses cuzão
Ando com a morte no bolso, espinhos no meu coração
As hiena tão rindo de quê, se o rei da savana é o leão?

[Verso 5: Raphão Alaafin]

Canta pra saldar, negô, seu rei chegou
Sim, Alaafin, vim de Oyó, Xangô
Daqui de Mali pra Cuando, De Orubá ao banco
Não temos papa, nem na língua ou em escrita sagrada
Não, não na minha gestão, chapa
Abaixa sua lança-faca, espingarda faiada
Meia volta na Barja, Europa se prostra
Sem ideia torta no rap, eu vou na frente da tropa
Sem eucaristia no meu cântico

Me vêem na Bahia em pé, dão ré no Atlântico
Tentar nos derrubar é secular
Hoje chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar
Oya, todos temos a bússola de um bom lugar
Uns apontam pra Lisboa, eu busco Omonguá
Se a mente daqui pra frente é inimiga
O coração diz que não está errado, então siga!

[Verso 6: Emicida]

Dores em Loop-cínio, os (?), quê?
Ao ver o Simonal que cês não vai foder
Grande tipo Ron Mueck, morô muleque? Zé do Caroço
Quer photoshop melhor que dinheiro no bolso?
Vendo os rap vender igual Coca, fato, não, não
Melhor, entre nóiz não tem cabeça de rato
É Brasil, exterior, capital interior
Vai ver nóiz gargalhando com o peito cheio de rancor
Como prever que freestyles, vários necessários
Vão me dar a coleção de Miley Cyrus
Misturei Marley, Cairo, Harley, Pairo, firmeza
Tipo Mario, entrei pelo cano mas levei as princesa
Várias diss, não sou santo, imã de inveja é banto
Fui na Xuxa pra ver o que fazer se alguém menor te escreve tanto
Tô pelo adianto e as favela entendeu
Considere, se a miséria é foda, chapa, imagina eu
Scorsese, minha tese não teme, não deve, tão breve
Vitória do gueto, luz pra quem serve?
Na trama conhece os louro da fama
Ok, agora olha os preto, chama!

[Refrão: Emicida]

Eles querem que alguém
Que vem de onde nóiz vem

Seja mais humilde, baixa a cabeça
Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda
Eu quero é que eles se... !
Eles querem que alguém
Que vem de onde nóiz vem
Seja mais humilde, baixa a cabeça
Nunca revide, finge que esqueceu a coisa toda
Eu quero é que eles se... !

(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)
(Nunca lembrou de nóiz, caralho!)
(Nunca deu nada pra nóiz, caralho!)
(Nunca lembrou de nóiz, caralho!)

Ellen Oleria – testando

<https://www.youtube.com/watch?v=-W-M3xnJi1w>

Alô, alô, som. Teste.
Um, dois, três, testando...

Eu? eu não domino a esgrima
Mas minha palavra, a minha palavra,
A minha palavra é afiada e contamina.
Minha ginga, meu jeito, minha voz que vem do gueto
Minha raça, minha cara, tua cara à tapa
O meu cabelo crespo
Não ponho na chapa, aguenta minha marra
Teu cartão não me paga
Minha ancestralidade no peito eu não tô te vendendo.
Há quem batize minha postura pura malandragem
Mas minha superação foi com muita dificuldade
Não é contando por contar, não é por vaidade
Mas peito pra encarar a vida louca com coragem,

Não é pra qualquer um...

Minha mãe minha testemunha: o preço, o zelo, o descontentamento,

Muita frustração, sem inspiração, sem passe, sem pão...

É, mãe... não se preocupa. Eu dou meus pulinho, eu dou meu jeito

Eu sempre me virei

E é claro, eu precisei de ajuda

Conhece a carne fraca?

Eu sou do tipo carne dura.

Tem gente boa no mundo, isso eu já sei. Também vi o lado violento dos que não temem a lei

Tanto faz lei divina. Tanto faz lei dos homi.

Não importa pôr roupa chique ou dar seu sobrenome.

A mulherada já sabe o cotidiano da rua:

Anoiteceu? Sozinha cê não tá segura.

Alô, alô, som. Teste....

Suor e choro. A noite é fria. Pra esses lance ninguém nunca está preparado.

Depois de um dia duro, meu corpo foi travado.

Assalto à mão armada.

Levaram o violão, o microfone emprestado.

Eu chorei, eu chorei.

A bandidagem não acompanhou a estereotipia...

Eram três garotos. Tipo de uns quinze anos. nunca vi na área esses garotos brancos.

Duas meninas louras com boné cor de rosa reescrevendo as linhas da conhecida história...

Andando na rua de noite muita gente branca já fugiu de mim

A minha ameaça não carrega bala, mas incomoda o meu vizinho

O imaginário dessa gente dita brasileira é torto

Grita pela minha pele. Qual será o meu fim?

Eu não compactuo com esse jogo sujo

Grito mais alto ainda e denuncio esse mundo imundo
A minha voz transcende a minha envergadura
Conhece a carne fraca?
Eu sou do tipo carne dura

Alô, alô som. Teste...

Tá ficando bom mas vai ficar melhor

Basalto que emana dos meus poros
Minha consciência pedra nesse instante

Basalto que emana dos meus poros
Consciência negra

Rael da Rima – Pré-conceito

<https://www.youtube.com/watch?v=Ih1FcUP4bRQ>

(É o que?)

(Ai ai ai ai...)

[Refrão]

Com seu preconceito
Só que vê direito
Que eu to firmão tranquilo
Pesadão, meu estilo
Minha visão aniquilou
Seus papo de vacilo
E que vacilo

[Ponte]

Leave me alone
Leave me alone
Lone

Um dia desses como outro qualquer
Uma friaca na quebrada, eu de jaqueta e boné
No peão de a pé com os irmão, as muíe
Desce um carro a milhão, os gambé
Pedi meu documento, eu dei
Onde cê mora? Apontei
Puxo cadeia negão? Nunca puxei
Ele vem desconfiado de tudo que eu falei
Foi no carro da um cheque como eu tava com a lei
Ei, e deu em nada, sabia que eu não devia
Mas ele insistia, dizia que eu fui do crime um dia
E como eu podia andar assim, todo elegante
Pagar pra ter esses pano e esse pisante
Eu disse: Eu tenho uma parada bem pesada, pensante
Processado, bem bolado, modo mirabolante
Vários ponto das quebrada tem vendido bastante
Se é crime fazer rap, então me leve em flagrante

(Ai ai ai ai...)

[Refrão]

[Verso 2]

Sinceramente eu to acostumado
Por ser oriundo, por ser favelado
Né não vagabundo? Quem é tá ligado
Vive esse mundo quem vem desse lado
Que é difícil ser você, vencer, permanecer sem ser contrariado

[Interlúdio]

Direto e reto nos deparamos com essa situação
Na hora de perguntar a hora ou de pedir um informação
Numa entrevista de trabalho, numa abordagem de rotina

Eles falam que não, mas essa ideia não conjumina

Hey!

Hahahaha

[Refrão]

[Outro]

Mas cedo ou tarde sua casa cai

Mas cedo ou tarde sua casa cai, cai!